

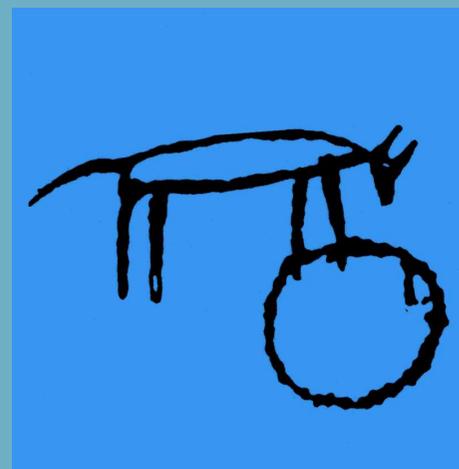
# ACAFA

Nº 4 (2011) On-line

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos  
de cadernos de campo de 1972/73

Depoimento de Teresa Marques



Vila Velha de Ródão, 2011

## Vão estas palavras...

### extractos de cadernos de campo de 1972/73

Corria o ano de 1972 e, depois de ter passado pela Faculdade de Direito, frequentava o curso de História na Faculdade de Letras de Lisboa. O entusiasmo que me levava a enveredar por uma carreira em que poderia bater-me pela aplicação da justiça, depressa esmoreceu ao constatar que não era aquele afinal o caminho profissional com que sonhara.

Matriculei-me então em História, uma também velha paixão dos tempos do liceu.

Foi o meu querido e saudoso amigo e colega, Jorge Pinho Monteiro, que me convenceu a juntar ao grupo que, sob a coordenação de Eduardo da Cunha Serrão, trabalhava no projecto de levantamento da arte do vale

do Tejo, cuja informação mais antiga tinha sido recolhida em 1946 por Paulo Caratão Soromenho, datando de 1971 a descoberta, em Fratel, dos primeiros conjuntos de gravuras.

Não participei na campanha de 1971, mas em todas as outras até 1974, ano decisivo, quer para a mudança de regime em Portugal, com a revolução de Abril, quer para a minha vida pessoal, com o casamento com o Vítor e o nascimento do meu primeiro filho Diogo (a Leonor só nasceria em 1978), quer ainda para a minha vida profissional - o amor e a dedicação à Arqueologia - com um interregno de professora do ensino secundário entre 1975 e 1982.

Em 1980 participei, a tempo parcial, no inventário e desmontagem das peças do Museu Nacional de Arqueologia e em 1982 fui requisitada para o Departamento de Arqueologia do então IPPC, Instituto Português do Património Cultural, mais tarde IPPAR/IGESPAR, em breve, Direcção Geral do Património Cultural..., onde permaneci até hoje, e onde me

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques

dediquei especialmente ao inventário do património arquitectónico e arqueológico.

O gosto pelo trabalho de campo, sobretudo pela descoberta de novos sítios, nasceu no vale do Tejo.

Ficam algumas palavras, registadas então ao correr da pena...

### 1972 - 3 de Dezembro

Eis-me na Beira Baixa, no meio de montes e de um vale onde também passa um rio, o Tejo

Precisamente junto das suas margens deambulámos todo o dia em busca de marcas da passagem do homem, existentes aqui e além, gravadas nas rochas de xisto.

Associei-me a um grupo de colegas que, com um subsídio do Estado e da Fundação Calouste Gulbenkian, têm por missão explorar esta zona

do Tejo e de alguns dos seus principais afluentes, Ocreza e Sever, numa extensão de cerca de 40 km, ao longo de ambas as margens onde, em Outubro do ano passado, foram descobertos os primeiros conjuntos de gravuras rupestres, das quais as mais antigas poderão remontar a cerca de 6.000 AC.

O objectivo destas campanhas traduz-se numa operação de preservação da memória, antes de toda a área onde existem gravuras, situadas maioritariamente nos concelhos de Nisa e Vila Velha de Ródão, ser inundada pelas águas do rio Tejo após a conclusão da barragem de Fratel, prevista para 1974.

O trabalho da minha equipa consiste precisamente na identificação e registo das gravuras cuidadosamente picotadas pelos remotos habitantes daquelas paragens, na superfície das rochas de maior largura, em tons azulado e vermelho acastanhado. Limpamos primeiro o local da gravura e, em seguida, com um produto chamado látex, aplicamos sete ou oito camadas, cobrimos com um pedaço de tarlatana, e voltamos a aplicar mais uma camada. Depois de seco obtém-se o

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques

molde que é enviado para o Museu de Arqueologia, em Belém. Até agora localizaram-se cerca de 150 figuras...

O jornalista Augusto Vilela, que cá trouxemos recentemente, ficou entusiasmadíssimo com esta descoberta. Saiu hoje, no diário de Lisboa, uma reportagem sobre as gravuras

### 1972 - 5 de Dezembro

Está muito frio e chove frequentemente, o que dificulta a tarefa de moldagem.

Levantamo-nos por volta das 8h 30m. O frio é de rachar, mas depressa aquecemos com os cerca de 8 km, percorridos a pé, para chegar à margem do rio. Até ao pôr-do-sol, ficamos no vale com cantis e uma merenda para o almoço, por entre os calhaus cobertos de lama, moldando as figuras já descobertas e tentando encontrar outras que vamos numerando.

É um trabalho bastante cansativo e o cheiro horrível, causado pelo funcionamento de uma fábrica de celulose, construída em Ródão.

Em todo o caso, junto do rio e das montanhas não se nota o cheiro e, sobretudo ao pôr-do-sol, como é repousante o seu reflexo nas águas, e ouvir apenas o chilrear de alguma ave que passa! O silêncio envolvendo o homem e as pedras!

De noite voltamos à pensão Castelo, onde nos tratam muito bem, embora os colchões sejam demasiado moles e o frio seja tanto que, antes de nos enfiarmos nos lençóis gelados, não resistimos a dizer uns quantos palavrões, como que a esconjurar o gelo que se entranha nos ossos...

É a primeira vez que em Portugal se descobre tal quantidade de “desenhos” pré-históricos ao ar livre, que poderá permitir o estudo de uma manifestação artística perfeitamente diferenciada das actualmente conhecidas, mas a algumas delas ligada.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques

Importará assim, após a reunião do maior número de elementos possível, definir quer a periodização quer a datação das gravuras, quer ainda obter mais dados sobre a possibilidade deste complexo artístico fazer parte de um conjunto de locais sagrados de vários tipos de povoamento, situado junto das margens e ao longo do rio Tejo.

A investigação futura certamente abrirá caminhos a uma ideia mais fundamentada, mas desde já, entre as opiniões dos colegas que participam neste aventura, existe um consenso de que os núcleos até agora identificados poderão remontar ao Epipaleolítico e prolongar-se até ao início da idade do Ferro, ou seja ao longo de mais de 5.000 anos.

### 1972- 19 de Dezembro

A chuva aumenta e já não podemos continuar as tarefas de moldagem.

Regressamos amanhã a Lisboa. São 19h e estou no alto de um monte em Castelo Branco, onde há restos da passagem dos Romanos. Como

não podemos descer ao rio, temos passados os últimos dias em prospecções para identificar alguns vestígios arqueológicos nos arredores da cidade. Regressamos a Lisboa para o Natal.

### 1972 - 27 de Dezembro

Voltámos ao campo até recomeçar o Ano Novo. A mesma vida ao ar livre mas, desta vez, o vento levou o cheiro para outro lado e o sol ilumina o rio e as pedras. O frio aumentou mas, a reacção a que nos obriga é maior e, depois de um dia de trabalho e da longa caminhada de regresso, o calor envolve-nos.

### 1973 - 2 de Janeiro

Passei o último dia do ano em Lisboa, primeiro com a alegria de um recomeço, seguido da ideia de que apenas mais um dia passava mas, na realidade, tratava-se de um novo ano.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques

O sol e o gelo continuam, mas a energia ainda não desapareceu.

De dia trabalho nos moldes e à noite, depois das longas conversas durante e depois do jantar, e apesar dos péssimos colchões e do frio, adormeço exausta.

Não posso deixar de referir o entusiasmo do Jorge (Pinho Monteiro) a falar. De tanto que discorre sobre as várias interpretações possíveis das gravuras, aos comentários sobre as notícias de jornal, em que alguns nos chamam de embusteiros, afirmando tratar-se de gravuras recentes com datas e tudo (na verdade a vontade de deixar marcas nas margens do rio levou alguns pastores a registarem datas recentes), ao perder - se ainda nos mais variados temas, visto tratar-se de uma pessoa com uma cultura vastíssima. O Jorge interioriza tanto o que diz, que se esquece de comer, o que é imediatamente aproveitado por outros colegas como o António Carlos e o Francisco, para se servirem do que ainda resta. Muitas vezes, quando se lembra da comida, já não há nada nas travessas...

Dia 6 de Janeiro estarei de novo em casa.

Em 1973 participei nas campanhas da Páscoa, de Agosto/Setembro e de Dezembro.

Foi nesse ano que se reorganizou o método de trabalho, tendo então integrado a equipa coordenada pelo Jorge, para elaboração das fichas e fotografar as rochas gravadas. Nesses tempos era preciso carregar um caixote muito pesado, com um tripé e uma máquina fotográfica, o “feto” como lhe chamávamos. Como o Jorge se deitava muito tarde, de manhã nem sempre acordava a tempo de fotografar a uma luz adequada, já que o sol estava muito alto. Assim, lá andávamos com o “feto” de um lado para o outro, à espera da descida do sol, tendo acabado por efectuar muitas fotos de noite, com a colaboração especial do Mário Varela e do José Pessoa.

Foi um privilégio ter pertencido ao grupo ainda hoje conhecido pela “geração do Tejo” nas palavras do António Carlos Silva, por onde passaram nomes para sempre ligados à arqueologia portuguesa, quer na investigação, ensino, gestão e planeamento do território, como Vítor Oliveira Jorge, Susana Oliveira Jorge Francisco Sande Lemos, Manuela

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques

Martins, Mário Varela Gomes, António Martinho Baptista, João Ludgero Gonçalves, Rui Parreira, José Cardim Ribeiro, António Carlos Silva, Francisco Henriques, João Carlos Caninas, quer na História de Arte, Vítor Serrão, Fernando António Baptista Pereira, quer ainda noutras actividades como a fotografia, livro e bibliotecas, José Pessoa, Manuela Rego, José Cortês, para além de investigadoras de relevo na arqueologia espanhola, tais como Maria de los Angeles Querol e Maria Isabel Martinez Navarrete.

Apesar da falta de liberdade de expressão que na altura se fazia sentir na sociedade portuguesa, os tempos passados no Tejo constituíram grande momentos de entusiasmo perante o trabalho de descoberta de um passado comum, grandes momentos de convívio, com as belas vozes do António Carlos (o “Alegre” como lhe chamávamos) e da Helena Afonso, hoje cantora e actriz, a animar os serões musicais na pensão Castelo, e ainda grandes momentos de humor com as anedotas e gargalhadas do Rui Parreira e do António Martinho.

E tudo isto apesar do cheiro nauseabundo, conhecido entre nós pelo “cheiro a Ródão”. No vale do Tejo, porém, não se fazia sentir.

As idades eram mais ou menos entre os 12 (o João Caninas) e os 24 anos... jovens pois, com entusiasmo, com ideias, com vontade de mudar o mundo.

Actualmente, pese embora a época negra em que vivemos, espero que a maioria não desista..., e continue a labuta por uma sociedade mais tolerante e mais justa, em que a Arte, o Trabalho, a Cultura, voltem a ser considerados com a dignidade de elementos libertadores, por excelência, da escravidão dos homens pelos homens.

Teresa Marques

Arqueóloga, IGESPAR I. P.

**NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO**

**Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73**  
Teresa Marques



Cachão do Algarve, 1972. Trabalhos de moldagem. Teresa Marques.

**NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO**

**Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73**

Teresa Marques



Pensão Castelo - Vila Velha de Ródão: 1972, Luís Raposo, Teresa Marques, António Martinho Baptista, Jorge Pinho Monteiro, João Ludgero, Francisco Henriques.

## NOS 40 ANOS DO INÍCIO DA DESCOBERTA DA ARTE RUPESTRE DO TEJO

Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73

Teresa Marques



Estação de Vila Velha de Ródão 1973. Da esquerda para a direita: João Ludgero, Jorge Pinho Monteiro, Helena Afonso, Francisco Sande Lemos, não identificado, António Carlos Silva, António Martinho, Rui Parreira, Vítor Serrão e Teresa Marques.